

CAPÍTULO UM

Molly

Quinze anos antes
20 de outubro de 2007

— Vou à bomba de gasolina comprar umas coisas para a Layla — digo ao meu pai, e franzo o sobrolho perante a confusão na sala de estar.

Cinco latas de cerveja vazias e esmagadas estão espalhadas pela mesinha de apoio, juntamente com sacos de batatas fritas vazios e uma embalagem de molho com a tampa aberta.

O meu pai espreita ansiosamente por entre as cortinas esfarrapadas, sem camisa e com a barriga saliente a cair-lhe por cima das calças de ganga. O seu cabelo grisalho está a ficar ralo no cocuruto e, apesar da barriga, é um homem alto e magro, com um maxilar definido, sobrancelhas sempre franzidas e rugas que cobrem cada centímetro do seu rosto.

— Não, preciso de ti aqui. Estiveste fora o dia todo — diz ele, mal olhando para mim.

Já passa das oito e meia da noite, e eu estive o dia todo a servir à mesa no restaurante. Sinto-me exausta, mas ao que parece ser a milionésima vez, ela já não tem fraldas e ninguém me disse nada.

Amanhã faço vinte anos, mas terei de enfrentar outro turno, agora que estou a gastar o dinheiro das gorjetas de hoje com a Layla.

— Ela precisa da fralda mudada e não há nenhuma — argumento.

Ele rosna, deixa a cortina cair e olha para mim.

— Ela não é da tua conta.

Mas claro que é.

Não é decerto da conta *dele*, apesar de ser sua filha.

Ele coça o braço. Tem a pele cheia de marcas. Olha mais uma vez para as cortinas, como se esperasse alguém. Provavelmente um dos seus amigos medonhos, que chegará de certeza com um pacote cheio de droga, apesar de ontem me ter obrigado a comprar-lhe alguma.

— Não demoro mais de vinte minutos. Só preciso de fraldas e leite em pó — respondo.

A ansiedade invade-me o peito quando a Layla começa a chorar lá em cima. Acabei de a deitar na esperança de que dormisse até eu voltar. Há uma semana que anda agitada. Quando fecha os olhos, e penso que está finalmente a dormir, abre-os de novo e solta um gemido que me parte o coração.

— Deixa-me tratar da Layla primeiro, e eu...

— Não — grita ele. — Se fores, é agora. Não tenho a noite toda.

— Está bem — murmuro.

A minha irmã de quatro meses grita a plenos pulmões, enquanto a nossa mãe está inconsciente no sofá, com a boca aberta e a baba a escorrer-lhe pelo queixo, ressonando suavemente. Em cima da mesa de café à sua frente está uma agulha vazia, com uma gota de sangue ainda a manchar a ponta.

Ela não vai acordar, o que significa que a Layla irá ficar entregue às suas lágrimas até eu chegar.

Suspiro e dirijo-me para a porta, mas abrando quando ouço o pai gritar:

— Traz-me um maço de cigarros e mais um *pack* de seis cervejas!

Nem me dou ao trabalho de responder — não que ele espere resposta. Sabe que lhe vou obedecer. Se não o fizer, terei de investir noutra corretor. O que tenho está quase a acabar.

O som dos gritos da Layla é silenciado quando fecho a porta atrás de mim. A minha ansiedade agrava-se e corrói-me o estômago. Ela vai ficar com a garganta dorida e de certeza que lhe doerá a cabeça quando eu voltar.

Odeia que a deixe sozinha, e eu odeio o que isso implica. Há dias em que me pergunto se não haverá outra causa, além do apego que me tem, que lhe inspira aquele medo nos olhos quando me afasto.

Se o pai está a magoá-la como me magoou...

Não sei o que fazer. Exceto que quando acabar, estarei coberta de sangue.

As minhas mãos tremem enquanto caminho a passo rápido para a estação de serviço, alguns quarteirões abaixo. É outubro, já em pleno outono, mas a noite está quente e arejada — provavelmente uma das últimas antes da chegada do inverno.

Reaper Canyon¹, no Montana, está rodeada da cordilheira de Electric Peak, e foi onde nasci e cresci. O nome assustador desta pequena cidade é apropriado, considerando que é onde todos os sonhos morrem. Este estado emana beleza, mas mesmo as montanhas ao longe não conseguem tirar a fealdade do meu mundo.

Mantenho a cabeça baixa, concentrando-me no buraco que tenho na ponta dos ténis sujos. Os meus pés já são demasiado grandes para eles, mas ainda não consegui dinheiro para comprar outros. Todo o dinheiro é gasto na Layla ou na droga para os meus pais.

No meu décimo sexto aniversário, o meu pai ameaçou pôr-me fora de casa se não arranjasse emprego. Disse que eu tinha de assumir as minhas responsabilidades, como se não bastasse ir à escola, fazer tudo em casa e comprar-lhes a droga. Já para não falar de estar às ordens dele e da mãe vinte e quatro horas por dia e sete dias por semana.

O meu primeiro ordenado foi para cigarros, cerveja e droga. Agora, eles dependem de mim para comprar a nossa comida e tudo para a Layla.

¹ Vale da Morte. (*N. da T.*)

Quando entro na estação de serviço local, a campainha no topo da porta toca, chamando a atenção do empregado. Além da Layla, ele é a única pessoa neste mundo de quem gosto.

— Olá, Mol — cumprimenta, com um sorriso que se estende pelo rosto, com as linhas de expressão a vincarem-se na pele castanha. Ele é uma das poucas pessoas que conheço que está sempre feliz. Acho que nunca conheci esse sentimento. Talvez quando a Layla sorriu para mim pela primeira vez. Mas foi fugaz. Não demorou a que os meus pais me roubassem de novo a alegria.

— Olá, Mario — respondo, acenando-lhe antes de desaparecer por um dos corredores e me dirigir aos frigoríficos onde se encontra a cerveja.

Não tenho idade suficiente para comprar álcool, mas o Mario conhece bem o meu pai e percebe que, se não o levar para casa, vou aparecer com nódoas negras na cara no dia seguinte, implorando-lhe que mo deixe comprar. Ele tentava chamar a polícia, mas eu ajoelhava-me e apelava para que não o fizesse. Eu não queria que a Layla corresse o risco de ser levada pelos Serviços de Proteção de Menores e colocada no sistema.

As famílias adoram adotar meninas, mas os predadores também, e eu não vou correr esse risco. Pelo menos em casa, posso protegê-la.

Portanto, apesar do ódio do Mario pelos meus pais, arrisca a sua licença e vende-me álcool, pois sabe que não é para mim. Já me fez jurar com o mindinho que vou esperar para beber até ter idade suficiente, embora me tenha aconselhado a ficar longe do tabaco para sempre.

Concordei prontamente. Já testemunhei o vício da minha mãe, que, a dada altura, era a melhor aluna da turma e tinha uma bolsa completa para a universidade. Mas depois conheceu o meu pai, e todos esses sonhos e aspirações perdiam importância sempre que ela sentia a euforia a correr-lhe pelas veias.

Pego na cerveja preferida do meu pai, em fraldas, leite em pó para a Layla e em alguns pacotes de comida para os dias seguintes.

Pouso os artigos no balcão e tiro o dinheiro enquanto o Mario se vira para pegar no maço de cigarros que está atrás dele. O preferido do pai.

— Como estás esta noite, querida? — pergunta-me, mexendo no teclado para registar tudo.

— Na mesma, como sempre — suspiro.

— O teu pai continua a dar-te problemas?

Lanço-lhe um olhar seco.

— Constantemente. Amanhã vou passar o meu aniversário no restaurante. Devia ter o dia de folga, mas hoje não recebi boas gorjetas e... — Agito o mísero maço de dinheiro. — De qualquer forma, já se foi todo.

O Mario lança-me um olhar pouco impressionado.

— O que te impede de lhes tirares a Layla?

A vergonha não me deixa encará-lo.

Não é a primeira vez que me pergunta, mas as desculpas são fracas. Porque a verdade é horrível. E se não puder confiar no Mario, embora goste muito dele?

Quando me volto a concentrar nele, o meu coração aperta-se. O seu olhar é suave e irradia uma preocupação genuína. Sinto a determinação a ceder.

— Por favor, Mol, podes contar-me tudo.

Suspiro, e as minhas últimas reservas esfumam-se.

— Os meus pais têm provas de que comprei droga, a droga *para eles*, mas não importa. Parece mau. E ameaçaram apresentá-las ao tribunal se eu tentasse ficar com a custódia da Layla. O pai tem fotografias e vídeos que eu nem sabia que ele fazia, mas mostrou-mos antes de os esconder. E se eu a levar... estarei a raptá-la. Sou legalmente adulta, mas desde que soube que a minha mãe estava grávida, senti-me mais confortável na prisão. Não a posso abandonar, Mario.

O meu amigo abana a cabeça e os seus olhos castanhos revelam repúdio.

— São doentes. Pessoas doentes. E estão a chantagear-te! Talvez um advogado...

— Os advogados custam dinheiro, Mario. Dinheiro que *não* tenho. Todo o dinheiro vai para eles, e eu... — As palavras falham-me,

a impotência enraíza-se. Expirando com força, termino com as palavras que importam: — Estou encurralada.

As lágrimas queimam a parte de trás dos meus olhos enquanto o Mario me olha com raiva. Raiva *por* mim, eu sei. Mas a fúria dele não altera a minha situação.

Nem sequer sei como fazê-lo.

— Não tens mais família? — pergunta, esperançoso.

Franzindo o sobrolho, abano a cabeça. Tanto quanto sei, os meus pais são filhos únicos, e os pais deles morreram ou estão longe.

Não tenho mais ninguém além da Layla.

— Posso perguntar à minha mulher para ver se podes ficar connosco...

Abano a cabeça antes que ele possa terminar.

— Os meus pais não me deixam levar a Layla, e ela não pode ficar sozinha.

— Molly, *por favor*, quero ajudar-te — implora o Mario. — Talvez consigamos arranjar uma solução.

— Preciso de tempo — disparo, e ele esmorece. A culpa aumenta, e isso só cimenta a minha impotência. — Eu... vou procurar uma solução, está bem? Ela é tão pequena agora, por isso só preciso de ter a certeza de que vou fazer isto da maneira certa.

Ele acena com a cabeça, cedendo, embora os seus movimentos rígidos revelem os verdadeiros sentimentos. Mas tal como eu, é impotente.

Mesmo que mande os meus pais para a prisão, vão certamente arranjar forma de me levar com eles.

— Então, pelo menos, deixa-me pagar as coisas da Layla, está bem? Entretanto, ajudo-te em tudo o que ela precisar. Vou encontrar uma maneira de saíres disto, miúda — diz-me com firmeza. — Não ficarei de braços cruzados enquanto sofres.

As lágrimas ardem na parte de trás dos meus olhos e sinto-me demasiado grata para lho demonstrar. Por fim, digo quase a sufocar:

— Obrigada. Mesmo que não tenha outra família, pelo menos tenho-te.

Os seus ombros descaem, embora a convicção no tom seja forte.

— Tens, querida. Para tudo.

Esboço um ligeiro sorriso, mesmo sendo difícil. Mas fico-lhe eternamente grata, sobretudo porque ele é a única pessoa que alguma vez foi gentil comigo.

A campainha toca e vejo os recém-chegados a entrar. Olho de novo para eles e franzo as sobrancelhas.

É o meu pai, juntamente com um homem que não reconheço. Pareciam dois estranhos que tinham entrado ao mesmo tempo, não fosse o facto de estarem a meio de uma conversa abafada, as suas palavras detendo-se quando me veem.

O meu coração afunda-se.

— O que fazes aqui? Vim buscar as tuas coisas... — respondo, cedendo ao nervosismo quando me apercebo de que o outro homem olha para mim com uma expressão que não consigo descrever. É um olhar que não *quero* decifrar, pela forma como me eriça os pelos das pernas.

É baixo e atarracado, com cabelo aparado e um maxilar quadrado e pronunciado. A sua pele pálida está coberta de tatuagens horríveis, e os seus olhos castanhos irradiam um brilho frio.

O pai dirige-se a mim, fazendo-me sinal para que me afaste.

— Ajudo a levar isso. De qualquer forma, és demasiado nova para comprar álcool. Porque não vais com o meu amigo e esperas por mim até eu acabar? — ordena com aspereza.

Fico de boca aberta, perplexa e cada vez mais desconfiada.

O meu pai *nunca* me ajudou a levar nada. O que significa que há uma razão para ele estar aqui, e aquele homem atarracado tem algo que ver com isso.

Nem pensar em ir a algum lado com ele.

— Está tudo bem, eu trato disto...

— Vai — grita. — *Agora*.

Endireito as costas. Não é a aspereza da sua voz que me deixa nervosa, mas a urgência.

Atónita, olho para o Mario, e vejo-o a um passo de atacar o meu pai. Está a olhar para os dois com uma desconfiança e uma ira que

queimam mais do que o inferno debaixo dos nossos pés. Mas o que pode fazer? Se chamar a polícia e me acusar de tentar comprar cerveja só para me afastar deles, vou para casa com o meu pai mais tarde, e o Mario pode ver a sua licença revogada se descobrirem que já ma vendeu antes. E se ele disser que o pai é uma ameaça para mim, isso separa-me da Layla.

Podia fugir... Mas para onde? Não posso deixar a minha irmã de quatro meses sozinha, nem tenho um sítio seguro para onde a levar.

A minha cabeça gira em torno de diferentes cenários, mas chego sempre à mesma conclusão... impotência.

— Na verdade, preciso de ajuda. Porque não fica ela aqui comigo, e eu pago...

— Tens algum interesse na minha filha ou quê, amigo? Porque não te metes na tua vida? — avisa o pai, olhando para o Mario.

— Está tudo bem — sussurro, observando nervosamente o homem estranho. Ele continua a olhar para mim, causando-me um arrepio frio na espinha. Quem quer que seja, é o ceifeiro, e se me levar, será sempre para o fundo.

— Vai com ele, Molly. Não te digo outra vez — grita o pai.

Esforçando-me por engolir, e, hesitante, afasto-me do balcão. Sem olhar uma última vez para o Mario, baixo o queixo e caminho em direção ao homem, com a adrenalina a correr-me pelas veias com uma intensidade que nunca experimentara. A pulsação troveja-me nos ouvidos e sinto-me nauseada.

O estranho lança-me um sorriso perverso que curva um dos lados da sua boca, e o meu estômago enche-se de ácido, a bÍlis a chegar ao fundo da garganta.

— O teu pai e eu somos bons amigos, não te preocupes — garante, sorrindo, como se isso me aliviasse os nervos.

Mas os meus pés recusam mexer-se com rapidez. Parece que tenho cola na sola dos sapatos, dificultando cada passo à medida que nos dirigimos para a porta.

Não posso fazer isto. Este homem não me pode levar tão facilmente. Para onde quer que eu vá, lutarei.

Vou levar a Layla e encontrar um sítio para onde possamos ir. Porque onde quer que seja, *tem* de ser melhor do que aquele onde estamos agora. Mesmo que me torne uma fugitiva procurada por rapto, vou arranjar uma maneira de sobrevivermos.

Assim que o homem abre a porta, a campainha toca e viro pelo corredor à minha direita.

— Ei! — grita o pai, levando o amigo a voltar-se. Ele não perde tempo a correr atrás de mim, e o coração salta-me na garganta.

Instintivamente, pego em alguns artigos das prateleiras e atiro-os ao chão atrás de mim. Sacos de batatas fritas, barras de cereais e outros produtos espalham-se pelo mosaico sujo, mas isso não o demove. Salta por cima deles, com o dedo a deslizar pelo meu ombro, quando dobro uma esquina e dou de caras com o meu pai. Grito, quase batendo no seu peito.

Ele levanta os braços para me agarrar, por isso, agacho-me, mal conseguindo evitá-lo. Passo por ele, ouvindo as suas maldições murmuradas.

— Raios te partam, sua cabra! — cospe o pai.

Com o coração a bater violentamente contra a caixa torácica, corro por outro corredor e vejo o Mario. Ele empunha um taco de basebol enquanto fala freneticamente ao telefone com pessoas que presumo serem a polícia.

— Venham já! — grita o Mario ao telefone.

Derrubo mais artigos. Desta vez, são garrafas de refrigerante, todas a bater no chão, fazendo com que algumas se abram ou explo-dam.

Olho por cima do ombro assim que os dois homens param perto do vazamento. Vejo a expressão demoníaca que passa pela cara do meu pai. E sei que o que quer que tenham planeado para mim, fará com que a minha vida em casa pareça o paraíso.

Eles separam-se, o pai vai numa direção e o homem corre para o corredor oposto. Vão encurralar-me.

O pânico invade-me os sentidos e tento recuar e saltar por cima de uma prateleira. O homem dobra a esquina e avança na minha direção.

Estou determinada a continuar, até que o vejo meter a mão na parte de trás das calças de ganga, seguido de um clique distinto.

Fico imóvel, a meio caminho da prateleira, com gelo a correr-me pelas veias, e depois espreito por cima do ombro.

O Mario está a olhar para o cano de uma arma, com a cara paralisada de terror enquanto o homem a segura com firmeza. O seu rosto mostra-se torcido de raiva e respira pesadamente.

— Eu mato-o, porra. Queres ter esta morte nas mãos, minha menina? — sibila o homem.

O pai exhibe uma expressão de fúria na face quando se dirige a mim, apontando para a porta das traseiras, destinada aos empregados.

— Vamos embora. Agora mesmo, porra!

Não tenho alternativa senão obedecer.

Não há fuga possível.

Tive uma oportunidade, mas não consegui chegar à saída a tempo. E por muito que me sinta tentada a continuar a lutar, não vou arriscar a vida do Mario.

Ofegante, com as lágrimas a queimarem-me o fundo dos olhos, desço da prateleira e dirijo-me para a porta. Quando passo pelo Mario, aceno, sussurrando a palavra «Adeus».

Com uma respiração profunda, atravesso o armazém e saio pelas traseiras. Sigo o homem pelo beco, com o meu pai a respirar no meu pescoço. Aí, vejo-me rodeada de mais três homens.

Não há hipótese de gritar. Não quando eles me agarram os bíceps, me tapam a boca com um pano e me arrastam para a sua carrinha preta.

Acabou-se para mim. Nunca mais verei a Layla.

Pior ainda, ela nunca mais me verá — a única pessoa que cuidou dela mantendo-a *segura*.

A pergunta que tenho é: qual de nós terá o pior destino — eu ou ela?